

Usos dos sentidos e sua dinâmica histórica vinculada ao espaço urbano da cidade de Fortaleza na primeira metade do século XX.

José Maria Almeida Neto¹

RESUMO

Este trabalho analisa as estruturas sociais e culturais dos usos dos sentidos e sua dinâmica histórica, vinculando-os ao universo do espaço urbano, inserindo-os no conflito das transformações urbanas da primeira metade do século XX na cidade de Fortaleza-CE. A questão fundamental que organiza e norteia nossa escrita tem sido: quais foram as sensações, literalmente, de viver em uma cidade durante um período de rápida modernização? Diante disto, faz-se necessário desdobrar tal pergunta em, pelo menos, quatro conjuntos de indagações: Como as sensibilidades podem ser compreendidas como parte das alterações de comportamentos dos corpos na cidade? De que maneira a reforma social e moral, concomitante às transformações urbanas, interviu na concepção das sensibilidades e nos sentidos do corpo? Como a audição, o paladar e o olfato foram expostos em função da modernização dos espaços urbanos? Qual a relevância das sensibilidades na produção das representações sobre a transformação urbana?

PALAVRAS-CHAVE: Sensibilidade, Cidade, Corpo.

RÉSUMÉ

Ce travail analyse les structures sociales et culturelles des usages des sens, ainsi que sa dynamique en les accommodant davantage aux univers de l'espace urbain et en leur mettant au sein des conflits des transformations urbaines de la première moitié du vingtième siècle dans la ville de Fortaleza- CE. En effet, la question fondamentale qui organise et oriente notre écriture est celle qui se présente : quelles ont été, littéralement, les sensations de vivre dans une ville au cours d'une période de rapide modernisation ? Cela dit, il semble nécessaire décliner cette question en quatre interpellations : Comment les sensibilités peuvent être comprises en étant que part des altérations de comportement des corps dans la ville ? De quelle manière, en parallèle au processus des transformations urbaines, la réforme sociale et morale est intervenu dans la conception des sensibilités et dans les sens lui-même du corps lui-même ? Comment l'audition, le goût et l'odorat ont été exposés en fonction de la

¹ Mestre em História Social pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Contato: neto.almeida88@outlook.com
Membro do Grupo de Pesquisa História e Documento: reflexões sobre fontes históricas. Acesso: dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/4948579685471041

modernisation des espaces urbains ? Et enfin, quelle est la pertinence des sensibilités dans le biais de la production des représentations sur la transformation urbaine ?

MOTS-CLÉS: Sensibilité, Ville, Corps.

“Encantavam-me os prédios altos, as lojas bonitas e suas vitrinas, as ruas movimentadas, os carros, o barulho e suas vitrinas, as ruas movimentadas, os carros, o barulho ensurdecedor dos bondes, a elegância das pessoas, as residências chiques” (Marciano Lopes, *Royal Briar: a Fortaleza dos anos 40*) (LOPES, 1988, p. 33).

“Hoje, eu quero sair na madrugada e vagar, sem rumo, pela geografia da Aldeota e ‘ouvir’ o silêncio e sentir a brisa no rosto e embriagar-me com o doce perfume dos cajueiros em flor. Porque é tempo de meditações...” (LOPES, 1988, p. 86)

O simples evocar da palavra ‘cidade’² suscita uma série de imbricações com as sensibilidades³ e estas por sua vez com o corpo, no qual se encontra arraigada a nossa mais profunda e subjetiva definição de espacialidade. Não pensamos a noção de cidade sem a presença dos corpos. A cidade se tornou, principalmente na modernidade⁴, o espaço do ajuntamento dos corpos, da aglomeração humana, da multidão.

Disto implicam diversas considerações a respeito das sensações que se têm ao estar no meio urbano. Constantemente, o meio urbano é associado ao espaço do medo, da solidão, da angústia, do perigo, do ‘progresso’, da ‘civilização’, da ‘modernidade’, da velocidade e etc.

² Segundo, Robert Moses Pechman, a cidade é a grande novidade do século XIX. Nelas acontecem “o espetáculo da multidão nas ruas, a concentração da população num espaço, a moradia precária e super habitada, a faina obsessiva das fabricas e o movimento alucinante de pessoas e mercadorias” (PECHMAN, 1994, p. 3).

³ Toda reflexão tem que partir do próprio conceito do que seria sensibilidade; este é um conceito em grande medida do senso comum, mas quando afirmamos que ‘somos sensíveis’, ‘eu tenho sensibilidade’, estas menções incorporam pelo menos dois grandes campos da existência humana e incorporam duas realidades fundamentais: a dimensão corporal e a dimensão subjetiva.

⁴ Marshall Berman salienta, logo na Introdução de sua obra *Tudo que é sólido desmancha no ar*, que a modernidade “anula todas as fronteiras geográficas e raciais, de classe e nacionalidade, de religião e ideologia: nesse sentido, pode-se dizer que a modernidade une a espécie humana. Porém, é uma unidade paradoxal, uma unidade de desunidade: ela nos despeja a todos num turbilhão de permanente desintegração e mudança, de luta e contradição, de ambiguidade e angústia”. Nos interessa conhecer a intensidade desse turbilhão na constituição dos sentidos humanos (BERMAN, 1986, p. 15).

Compreende-se igualmente, que tais noções foram disseminadas ao longo do tempo e que nem sempre o que se sentiu ao estar na cidade foi a mesma sensação, por exemplo, da que temos na contemporaneidade; dessa forma essas sensações são resultados de mudanças dos mais variados matizes que contribuíram, por sua constância, para fixar-se como uma referência de cidade.

É difícil conceber cidades sem imaginar a multidão de emoções que animam a vida em suas ruas e em seus edifícios e casas, a emoção de um centro comercial lotado, o zumbido em torno da cidade quando a equipe de esportes local está ganhando, a angústia de estar perdido nas ruas de uma cidade que não se conhece, o cheiro das árvores frondosas nas praças, as frustrações de engarrafamentos incessantes ou quedas de energia ocasionais, a raiva sobre os deslocamentos cruéis em que tanto o desenvolvimento urbano tem sido e continua a ser predicado, ou os temores de violência e criminalidade que há muito tempo se esconde em muitos dos centros urbanos. É através destes momentos de (des) encontros, quando as condições distintas e a atmosfera das áreas urbanas chocam-se com as emoções de formas únicas e inesquecíveis, que a cidade em si torna-se uma parte da identidade e da interioridade dos seus habitantes.

Ocorre que, diferentemente do que à primeira vista se poderia supor, tais sensações não se eternizam em imagens cristalizadas, imobilizadas, enquadradas em um modelo específico ao longo do tempo. Pelo contrário, as nossas habilidades sensoriais são educadas pelo meio social em que vivemos. Demonstrando que, a cada época, mecanismos sociais são criados e significados emocionais e sensoriais também.

Há uma educação dos sentidos e só é possível sentir o que se aprende socialmente. Dessa forma, estes sentidos são dotados de uma historicidade. Eles possuem a qualidade que as coisas têm de serem atingidas pela passagem do tempo. Além disso, são resultantes não apenas de escolhas ou vontades particulares, mas condicionados por vetores sociais.

Nós ouvimos e vemos, mas a decodificação não é de fato da orelha, nem dos olhos, mas dos códigos culturais, dos valores sociais impostos a cada conjuntura. Ouvir e escutar possuem significações completamente díspares entre si, assim como ver e olhar. Enquanto ver e ouvir são atributos biológicos. Escutar e olhar demanda uma significação social, um juízo de valor, uma análise.

Para tanto, é preciso entender, como já referimos anteriormente, que as sensibilidades estão inseridas em, pelo menos, dois grandes campos: primeiro na reação corpórea ⁵ e, segundo, na dimensão subjetiva. A reação corpórea é mediada através dos órgãos sensoriais (olfato, visão, tato, audição, paladar); já a nossa subjetividade é mediada pelos sentidos culturais, linguísticos, simbólicos, e estes jamais são naturais, e sim, socialmente construídos.

Assim, a sensibilidade é vista como campo de estudo daquilo que é afetado por meio dos nossos sentidos corporais. Sendo o corpo um conceito não apenas biológico, estrutural, material, mas também intangível, simbólico, imaginário, ⁶ cuja dimensão subjetiva é a nossa mais profunda identificação psicológica, o que resulta a característica humana da indissociabilidade entre corpo e subjetividade. Não se pode colocar nem o corpo, nem a dimensão psicológica como sendo determinantes, nem explicar um a partir do outro. Estes são complementares, não opostos.

Ao se levar em conta estes aspectos fundamentais das sensibilidades, percebe-se que é possível justificar um paralelo entre estas e as cidades, reduto das renovações sensíveis. O *ethos* urbano se configurou por estar aberto, ao longo dos anos, para uma representação da cidade fosse por meio da palavra, escrita ou oral, fosse por meio da música, melodias ou canções, que a celebravam ou a detestavam, fosse pelas imagens, desenhadas, pintadas, grafitadas, que a representavam no todo ou em parte, fosse ainda pelas práticas urbanas, pelos rituais e pelos códigos de civilidade presentes naqueles que a habitavam, por meio destes, as cidades abrigam as sensações de seus habitantes. Afinal, o ‘mundo real’ é aquele criado por meio dos nossos sentidos.

⁵ Ao lançar mão de estudos como o do corpo, percebemos que a palavra evoca uma multiplicidade de interpretações, possuindo inúmeros significados que podem, entre outros, designar a substância física de cada homem, animal ou outros entes da natureza. Com referência ao ser humano, remete ao papel da parte material como receptáculo do espírito, na bipolaridade corpo-alma. Sugere ainda a ideia de forma humana que, por sua vez está associada aos conceitos de figura, configuração, perfil, representação, com marcada conotação visual. Remete à sexualidade, aos saberes e práticas de disciplinas como a medicina, a psicanálise, a ética. O termo corpo se relaciona também à ideia de organismo, conjunto orgânico de partes. Neste sentido, serviu como fulcro para um sem número de analogias, através das quais se procurou pensar a cidade e conseqüentemente a sociedade. Por fim, tem sido crescentemente difundida a concepção de corpo como uma construção da linguagem e de práticas culturais tornadas código na linguagem. Para este estudo, o corpo é objetivado como a matéria física onde se assentam os sentidos sensoriais, as sensibilidades, as sensações.

⁶ Para Michel Foucault, nós procuramos o corpo em todos os lugares, mas não o encontramos em lugar nenhum. Segundo o autor, “A análise revela apenas fragmentos e gestos. Ela reconhece cabeças, braços, pés, etc. Que se articula em maneira de comer, de saudar ou de se cuidar. [...] Ele é mítico, tendo em vista que o mito é um discurso não experimental que autoriza e regulamenta práticas. O que faz um corpo é uma simbolização socio-histórica característica de cada grupo. Há um corpo grego, um corpo indiano, um corpo ocidental moderno” (FOUCAULT, 2002, p. 407). No caso que apresento, refiro-me a um conjunto de seleções e de codificações relativas a registros ainda mais fundamentais tais como o desenvolvimento dos sentidos.

A cidade é o resultado, portanto, do discurso e da representação⁷ que se colocam no lugar da materialidade e do social e os representam. A cidade sensível é aquela responsável pela atribuição de sentidos e significados ao espaço e ao tempo que se realizam *na e por causa* da cidade.⁸

É por esse processo mental de abordagem que o lugar se transforma em espaço, como sintetizou Michel de Certeau, em sua célebre definição: “o espaço é um lugar praticado”. Diríamos que o espaço é o lugar onde as sensibilidades são representadas, expostas, externadas, em resumo, criadas em memórias e significados (CERTEAU, 1998, p. 202).

Da mesma forma, outros autores, preocupados com o século XIX, principalmente, ajudam a entender essa reorganização dos sentidos no meio urbano. Walter Benjamin analisa a Paris do século XIX a partir das significações construídas pelo *flâneur*, um observador das malhas urbanas, mas também um sujeito que elabora significações sobre a cidade que observa (BENJAMIN, 2001). Peter Gay em *A experiência burguesa: da Rainha Vitória a Freud*, mostra que “essas grandes turbulências constituíam uma presença constante no século XIX, gerando sonhos de esperanças ou verdadeiros pesadelos” (GAY, 1988, p.4). Neste sentido, o autor analisa a questão da educação dos sentidos dos habitantes da cidade moderna, enfatizando as sensibilidades dos homens diante das constantes transformações e os medos, a insegurança, o desconforto diante da multidão, da poluição e da sujeira.

Raymond Willians em *O campo e a cidade: na história e na literatura* (1989) analisa a formação dessas novas sensibilidades urbanas no contexto da modernidade a partir da literatura de ficção.⁹ A literatura, segundo o autor, focaliza e ao mesmo tempo legitima esse

⁷ Por meio de categoriais como ‘representação’ e seus vínculos com as práticas sociais que subsidiam os seus significados, está-se aqui, a defender a perspectiva adotada pela história cultural francesa, principalmente, através de Roger Chartier. Neste sentido, para o autor, “mais do que o conceito de mentalidade, ela (representação), permite articular três modalidades da relação com o mundo social: em primeiro lugar, o trabalho de classificação e delimitação que produz as configurações intelectuais múltiplas, através das quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos; seguidamente as práticas que visam fazer reconhecer uma identidade social, exibir uma maneira própria de estar no mundo, significar simbolicamente um estatuto e uma posição; por fim, as formas institucionalizadas e objectivadas graças as quais uns ‘representantes’ (instâncias coletivas ou pessoas singulares) marcam de forma visível e perpetuada a existência do grupo, da classe ou da comunidade”. (CHARTIER, 2002, p. 23)

⁸ Vários olhares visitaram e visitam a cidade. Homens e mulheres que entram pelas suas portas, adentram o cotidiano urbano, passam, olham, captam os sentidos e os sons, estudam seus personagens, sentem os odores e sabores que invadem ruas e becos, praças e coretos, estações de trens e transportes. Ruídos que marcam a escrita de diversos profissionais, dentre os quais geógrafos, urbanistas, arquitetos, sociólogos, historiadores que têm lançado olhares diversos sobre a cidade, principalmente a cidade no contexto da modernidade. Também podemos acrescentar outras tipologias que atualmente tem sido atribuída à cidade, como a cidade bela, higiênica, desodorizada, arborizada, sentida pelo olfato, pela audição, pelos olhos dos transeuntes.

⁹ Há uma razão mais ampla para a ênfase nas transformações. Os que estavam habituados a ver seu meio ambiente imediato por intermédio de formas intelectuais e literárias previamente dadas tiveram de perceber,

processo de transformação do espaço urbano, fornecendo indícios das novas percepções e usos do homem diante dessas transformações.

Nesse percurso, o leitor das cidades terá que lidar com elementos diversos, que possuem interconexão, como também imprevisibilidade. O leitor, diante das modificações do tecido urbano, parece paralisado pela multiplicidade de formas e expressões, de novos signos que emergem e de outros que são silenciados, pelo dito e pelo não dito.

A relação entre a cidade e a percepção que seus habitantes possuem dela têm sido abordada em algumas produções historiográficas que enfatizam “a cidade enquanto poetizada pelo sujeito: este a refabricou para o seu uso próprio, desmontando as correntes do aparelho urbano, ele impõe a ordem externa da cidade a sua lei de consumo” (CERTEAU, 1994, p. 45).

De uma maneira muito particular, privilegiam-se aqui os sentidos da visão, do olfato, do paladar e da audição para analisar as sensibilidades produzidas e registradas pelos habitantes da cidade de Fortaleza.

Congruente à informação acima vale a pena perceber outra passagem de uma crônica sobre a cidade. Escrita por Blanchard Girão sobre a passagem de um objeto típico da cidade de Fortaleza nesse período: o bonde. A crônica dá pistas sobre as sensibilidades que estes bondes produziram nas décadas seguintes.

Barulhentos, apinhados por dentro por fora. Sim, por fora. Porque sempre havia um pedaço mínimo de estribo para alguém colocar uma ponta de pé e agarra-se ao balaustre e assim seguir viagem arriscadamente rumo à sua casa, nos então distantes bairros de José Bonifácio, Jacarecanga, Praia de Iracema, Alagadiço, Prado, Benfica, Prainha, Outeiro, Soares Moreno e até a Via-férrea – Praça da Estação- que tinha a sua linha própria não obstante ficar a apenas um salto da Praça do Ferreira. (GIRÃO, 1997, p. 25)

A lembrança sentimental e bucólica da cidade, no início da década de 40, é quebrada para falar sobre a polifonia urbana comum a todos os recortes feito nessas primeiras linhas de apresentações dos elementos mais corriqueiros das ruas e praças. Caminhar pelos espaços públicos com todas as novas propagações de sons, seja das máquinas ou das pessoas, ganha saliência, positiva e/ou negativa. Talvez, conjecturamos, devido a esse nível de ruído, corresponder a um fator extremamente novo, sons que competiam agora com os sinais da natureza, antes únicos e quase exclusivos anunciantes desde o raiar do sol ao anoitecer.

Barulheira, repicar, gritar, propagar passaram a ser recorrentes o som ouvido nas ruas, o ranger de dentes, das conversas progressivas, do passo arrastado ao arranhar do bonde sobre

no século XVIII, outra modificação radical na paisagem: o rápido processo de expansão e transformação da cidade (WILLIAMS, 1989, p. 199).

os trilhos que detonava novas sensibilidades, o barulho reconhecido e transformado repentinamente em imagem garante a certeza da passagem do automóvel.

A quebra do silêncio se associa ao transitar de algo. Quando o dia era santo e a maioria das pessoas costumava se recolher no interior de residências ou igrejas, o silêncio era o que causava admiração. Sobre isso, o dia da sexta-feira da paixão é exemplificado por Gustavo Barroso como um “dia triste da cidade”, o emudecer passa ao sinônimo de luto – “o silêncio das ruas vazias espanta. Não se tem onde comprar cigarros ou tomar café”. Entre a passagem do bonde, o barulho provocado pelo mesmo e o silêncio que causa agora estranheza, verificamos como a cidade crescia e tomava forma e seus habitantes adquiriam novos hábitos.

Na narração memorialística de Marciano Lopes, citado na abertura desse trabalho, pode ser lida criticamente sobre a forma romanceada com que relembra Fortaleza dos anos 40. A memória do autor tende claramente a uma idealização do passado. Um ideal de passado bucólico, quase perfeito, sem conflitos e embates. Alguns trechos das crônicas do livro *Royal Briar: a Fortaleza dos anos 40* aponta em muitos pontos o uso da sensibilidade para este viver no espaço urbano.

“A propósito, os cinemas do centro, apresentavam duas sessões, sendo uma às três e meia e a outra às sete e meia. Naquele dia 27 de agosto de 1945, era esta a programação das nossas salas cinematográficas: Diogo – “Prisioneiro de Zenda”, da Art Films” [...] (LOPES, 1988, p. 36) A aparecimento do cinema descolou em boa medida as sensações do espaço urbano. A tela que comunicava uma mensagem e utilizava o sentido da visão e audição, despertara um turbilhão de sentimentos e sensações naquela primeira metade de século. A superação do cinema se deu com sua composição como a sétima arte, a produção, exibição e comentadores, em todas as etapas o cinema mexeria com as sensibilidades dos populares da cidade. Fortaleza tinha 7 cinemas chiques para as mulheres da classe fina, como se chamavam a época, poderem usar os melhores perfumes franceses, usando meias de seda, protegendo-se dos raios solares com as sombrinhas, enquanto mantinham a cútis aveludada. Marciano Lopes não poupou em sua escrita um recurso memorialístico de apurada sensibilidade, o de descrever em cada aspecto a sensação que material provocava no corpo.

O paladar não foi esquecido nas lembranças de memória de Marciano Lopes, interessante trecho trata dessa sensibilidade:

Na tabacaria, as poucas opções de marcas dos cigarros Sousa Cruz: “Continental”, com ou sem ponteira, ‘Hollywood’ e ‘Columbia’. Da nossa Araken, o ‘Globo’, ‘Kenel Club’, ‘Princesa’, ‘Garoto’ e ‘Yolanda’. E charutos de várias procedências, desde o chamado ‘mata-rato’ até o

sofisticado cubano, cachimbos para todos os gostos, fumos para todos os paladares isqueiros, fósforos e, sobre, o balcão, o ‘acendedor’ de cigarros, original invenção que consistia numa espécie de lamparina de flandre, tendo, no lugar do pavio convencional, a ponta incandescente de uma corda de tucum. Incrível: nunca se apagava, nem acendia labareda. À medida que ia queimando, lentamente, o tabaqueiro ia puxando a ponta da corda que ficava enroscada no interior da pirâmide de lata. (LOPES, 1988, p.70).

Uso do cigarro, o isqueiro, a invenção e novidade do controle do fogo modificavam não apenas a história dos inventos, mas como lida como o próprio corpo e a sensibilidade com estes objetos que tomavam conta dos cafés e tabacarias dessa elite da cidade.

O rádio e as sensações causadas por esse objeto produziram uma dinâmica que se tornou relevante na leitura das sensibilidades.

“Como seria bom se o rádio tivesse imagem pra gente poder ver um filme de tema religioso, como a “Canção para Bernadette”, como a Jennifer Jones, ou “O bom pastor”, com o Bing Crosby. Quem sabe, pode ser que isso venha a ser realidade, no futuro”. (LOPES, 1988, p.77)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENJAMIN, Walter, **Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo**. 3ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 2001.
- BERMAN, M. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- BRESCIANI, M. S. M. **As Sete Portas da Cidade**. ESPACO E DEBATES, v. 34, p. 10-15, 1991.
- _____. **Londres e Paris no século XIX**. O espetáculo da pobreza. 10ª.ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- BURKE, Peter. **A escrita da historia: novas perspectivas**. São Paulo: UNESP, 2005.
- CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**. Arte de fazer. 3.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.
- CORBIN, Alain. **Saberes e odores: o olfato e o imaginário social nos séculos XVIII e XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- CHARTIER, Roger. **Os desafios da escrita**. São Paulo: UNESP, 2002.
- DEL PRIORE, Mary. **História do amor no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2005.
- DELEMEAU, Jean. **A História do medo no ocidente 1300-1800**. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.
- ERTZOGUE, M. Haizenreder; PARENTE, T. Gomes. (Orgs.) **História e sensibilidade**. Brasília: Paralelo 15, 2006.
- FOUCAULT, Michel. **História dos corpos**. Projeto História. São Paulo. Nº 25 (dezembro), 2002.
- GAY, Peter. **A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud: Coração desvelado**. São Paulo: Cia. das Letras, 1999.
- _____, GAY, Peter. **O coração desvelado**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- GINZBURG, Carlo. **A MicroHistória e Outros ensaios**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand, 1989.
- GIRÃO, Raimundo. **Cidade da Fortaleza** (Filmagem histórica). Fortaleza: Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda, 1945.
- LE GOFF, Jacques. **A história nova**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- LOPES, Marciano. **Royal Briar: a Fortaleza dos anos 40**. [1988]. 4 ed. Fortaleza: ABC, 1996.
- PECHMAN, Moses Pechman. **Olhares sobre a cidade**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1994.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- PONTE, Sebastião Rogério. **Fortaleza Belle Époque: reforma urbana e controle social**. (1860 – 1930). 3ª edição. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2001.
- SANT'ANNA, D. B. **Corpos de Passagem**. Ensaios sobre a subjetividade contemporânea. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.
- SENNET, Richard. **Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental**. 3ª edição. Rio de Janeiro: Afiliada, 2003.
- SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na primeira República**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

_____, (org.) **A capital irradiante**: técnica, ritmos e ritos do Rio. In: _____ (org.) História da vida privada no Brasil 3: República: da Belle Époque à era do Rádio. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1998.

SILVA FILHO, Ant. Luiz M. **O progresso de outrora**: anotações sobre temporalidade experiência urbanas (Fortaleza, 1920-1940). In: _____. (org.) História e historiografia: perspectivas e abordagens. Recife: UFPE, 2014.

_____, **Rumores**: a paisagem sonora de Fortaleza (1930-1950). Fortaleza: Museu do Ceará, 2006.

THOMPSON, E. P. **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos**. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade**: na história e na literatura. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.